



Por amor a ordem: o anticomunismo católico no Rio Grande do Norte (1935-1937)

MICARLA NATANA LOPES REBOUÇAS¹

Resumo

À luz do jornal católico A Ordem, o presente artigo visa compreender a construção do discurso anticomunista no Rio Grande do Norte entre os anos de 1935 a 1937. Procurou-se perceber através das matérias/artigos do periódico católico, o modo como a Igreja, a partir do final do século XIX, posicionou-se em relação às condições de vida produzidas no seio da sociedade capitalista, bem como, diante dos ideais comunistas expressos pelo marxismo, cuja aplicabilidade efetiva-se na segunda década do século XX com a experiência bolchevique na Rússia. É por essa trilha que ao olhar a produção do discurso sobre os ideais comunista no Brasil, especialmente no Rio Grande do Norte durante a década de 30, que esta proposta se debruçará sobre as estratégias utilizadas por intelectuais e letrados católicos na confecção do anticomunismo no estado, cujas formas são moldadas, em grande medida, a partir dos acontecimentos de novembro de 1935. Dentro desse quadro, buscou-se compreender o modo como é vislumbrada a configuração da ação orquestrada pelo episcopado, percebendo no bojo da construção do discurso anticomunista católico o esforço da Igreja em afirmar seus princípios morais procurando impor, sobretudo no contexto do discurso anticomunista, uma diretriz doutrinal de disciplinamento, de maneira que se possibilite a análise das facetas assumidas pelo pensamento católico e o seu entrelaçamento com os anseios do episcopado potiguar durante a década de 1930.

Palavras-Chave: Imprensa, Igreja católica, anticomunismo.

1. Introdução

O presente artigo tem como cerne o estudo da construção do discurso anticomunista de matriz católica no Rio Grande do Norte, vislumbrada, em grande medida, a partir dos artigos/matérias produzidos por letrados e intelectuais católicos ligados a Congregação Mariana dos Moços² e de sua estreita relação com as diretrizes estabelecidas pelo Centro Dom

¹ Graduanda do 6º período do Curso de História na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Orientanda do profº Ms. Marcílio Lima Falcão.

² A Congregação Mariana é uma instituição fundada pelos jesuítas desde o século XVI, tendo como finalidade



Vital³ no Rio de Janeiro entre os anos de 1935 a 1937. Essa influência se fez sentir de maneira expressiva no discurso jornalístico católico do estado, encabeçado pelo jornal A Ordem, instrumento central para arregimentação da intelectualidade católica a partir de 1935.

Por meio de uma retórica apologética e moralizante, o laicato católico procurou forjar o discurso anticomunista sob contornos e significados próprios e em consonância com as propostas de evangelização iniciadas a partir da década de 1920, momento em que começa a se encabeçar o chamado movimento restaurador⁴. Segundo Beozzo (2000), os anos de 1930 foram marcados pela tentativa da Igreja Católica em consolidar sua unidade nacional, através da realização de um grande número de manifestações populares, buscando por meio delas maior aproximação com os problemas que figuravam na “questão social”, alvo central da Igreja Católica no período e que encontrou no grupo dos intelectuais católicos os emissores que fizeram suas as causas da Igreja hierárquica. (BEOZZO,2000, p. 280-281).

Ao discutir o papel da imprensa católica no Brasil nos primeiros anos do século XX, Marcos Gonçalves trabalha com a tese de que a separação entre Estado/Igreja a partir do advento da República permitiu “um esforço sistemático de constituição de uma imprensa católica inspirada em estratégias organizacionais modernas de propaganda e distribuição de produtos, bem como preocupada em estabelecer conceitos e políticas que definissem um mundo social edificado sob o fundamento católico.” (GONÇALVES, 2008. P. 65). Assim,

primordial fortalecer o espírito católico entre os alunos dos colégios por ele dirigidos. Em seguida foi ampliada também a participação para os adultos. No Brasil as congregações marianas atuaram dentro dessa dupla característica; nos estabelecimentos de ensino constituíam uma associação marcadamente juvenil com a finalidade de formar jovens militantes católicos; quando organizadas nas paróquias a faixa de idade era bem mais ampla (HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL). Nesse sentido, a congregação mariana funcionou como importante instrumento para afirmação católica na sociedade brasileira. Até quase o final da primeira década do Século XX, a Igreja Católica, no Rio Grande do Norte, estava ligada à Diocese da Paraíba. Até que, em 29 de dezembro de 1909, foi criada a Diocese de Natal, tendo como primeiro bispo, Dom Joaquim Antônio de Almeida (1910/1915). Em 1918, já no governo de Dom Antônio dos Santos Cabral (1917/1921), foi criada a Congregação Mariana para os Moços. Esta atuava em três eixos: formação de técnicos, cooperativismo e imprensa. A associação dos congregados marianos, destinada a formar católicos praticantes, assumiu, no período em análise, um caráter marcadamente militante, cujo lugar discurso foi conferido pela imprensa católica.

³ Fundado no Rio de Janeiro em 1922, o Centro Dom Vital destinava-se à recatolização da intelectualidade, visando uma maior participação católica junto ao Estado. Nele se reuniam importante grupo de leigos, destacando-se dentre eles Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção. O nome do centro lembrava o bispo capuchino de Pernambuco que se destacara em 1872 num confronto com o Estado em defesa dos princípios católicos ultramontanos, contrariando a perspectiva liberal da perspectiva da coroa. Sob a liderança de Jackson Figueiredo, o centro se transformou numa força atuante que passará a contar cada vez mais na arena política nacional.

⁴ Esta etapa é marcada por um projeto definido de ressacralização da sociedade. Segundo os prelados, com a organização do Estado leigo, a partir da decretação do regime republicano, a instituição eclesiástica fora marginalizada da vida pública e social. Por essa razão a Igreja reunia-se em um esforço de reconquistar a posição de privilégio para a crença católica, sob a alegação de que se tratava de um direito assegurado pela própria tradição cultural do país. (AZZI,2008,p.09-11)

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

como um dos tentáculos desse projeto de sacralização da sociedade, a fim de obter o ordenamento social, de maneira a regradar os comportamentos nocivos as bases erigidas sob a doutrina cristã, a hierarquia eclesiástica procurou empenhar seus seguidores na tarefa de militância, transformando-os em soldados de Cristo. Sob esse viés, a imprensa funcionou como um dos principais instrumentos para realização desse projeto e como arena de luta contra os que foram elencados como inimigos. Encontram-se, nesse sentido, múltiplos apelos e declarações em favor da chamada “boa” imprensa por parte dos intelectuais católicos, destacando-se como papel central desse veículo o doutrinamento e a difusão da fé cristã em meio a confusão de valores da sociedade e o seu distanciamento dos desígnios da igreja.

Foi por esses caminhos que no Rio Grande do Norte, o jornal católico A Ordem fundado em 14 de julho de 1935, sob a responsabilidade da Congregação Mariana dos Moços e sob influência de Tristão de Athaíde e Jackson de Figueiredo, teceu o anticomunismo e ao mesmo tempo funcionou como núcleo de irradiação dos ideais doutrinários e apologético da Igreja no Estado. Já em sua primeira edição, o jornal católico, através de artigo de autoria de Tristão de Athayde, famoso pseudônimo do leigo Alceu do Amoroso Lima, chamava a atenção para a necessidade de uma imprensa de caráter doutrinário e para seu papel como arma social e política:

A grande missão que este paiz tem o direito de exigir da imprensa nestes dias de confissão de valores, de desorientação doutrinária, de violentas manifestações de interesses de classes à cuja sombra agem apetites violentos dos exploradores de situação, a grande missão que cumpre os jornaes brasileiros é acima de tudo, – doutrinar. (A ORDEM, 14 de julho de 1935)

Sob os auspícios dessa “boa imprensa”, o anticomunismo, de vertente católica, encontrou no discurso jornalístico seu lugar de circulação. No âmbito da imprensa, foram produzidas e reproduzidas narrativas em torno dos ideais comunistas, em um esforço sistemático de caracterizá-los como conteúdo “revolucionário” e “subversivo” aos desígnios da doutrina cristã. Enunciado como o outro, avesso e contrapondo-se a tudo que pertencesse aos ditames da Igreja Católica, o discurso anticomunista foi subsidiado, em grande medida, pela retórica dos intelectuais católicos que alçados nas determinações e discussões presentes nos documentos eclesiásticos, utilizaram-se do espaço da imprensa para “diabolizar” o inimigo, apresentando o comunismo como um flagelo satânico, e ao mesmo tempo glorificando o pensamento da Santa Sé em suas páginas. Nesse sentido, “as contraposições

entre o que era ou não moralmente aceito, entre amor e ódio, entre luz e trevas, entre natural e antinatural iam estabelecendo as distinções fundamentais entre o cristianismo e comunismo” (RODEGHERO, 2003, p. 32) e ganhavam forma no espaço da imprensa.

A tênue fronteira traçada entre Igreja e comunismo é vista aqui como possibilidade de investigação histórica a partir das formas assumidas pelo anticomunismo católico no Rio Grande do Norte. Palco inicial do levante comunista no Brasil, o Rio Grande do Norte, mais especificamente Natal, tem importância ímpar na radicalização do discurso anticomunista pós-intentona uma vez em que deve-se levar em consideração que os acontecimentos 1935 alertaram mais ainda as autoridades católicas da ameaça comunista. A respeito dessa radicalização no discurso católico, Rodrigo Patto Sá Motta argumenta que o episódio sofreu um processo de mitificação, responsável por criar uma legenda negra em torno da “Intentona Comunista”. (MOTTA, 2002, p.76). Essa construção do mito em torno das ações arquitetadas e realizadas pelos seguidores de Prestes, ganha espaço privilegiado na imprensa católica, canal de irradiação em que vão sendo tecidas e consolidadas as narrativas em torno do que se caracterizou como “motim insensato”. Sobre o quadro pintado em cores fortes pela imprensa católica, o levante fornece argumentos para solidificar as representações do comunismo como uma ameaça concreta e presente. O medo que até então se pautava no discurso e em experiências distantes, agora possuía uma dimensão e proporção similar as constantes pregações e advertências por vezes paranoicas dos jornais católicos.

Com o espectro ganhando forma concreta e presente, o discurso anticomunista ganha força e voz ativa a sensibilizar setores significativos da sociedade. Nesse sentido, frentes de combate ao inimigo vermelho ganham força e assumem caráter emergencial sob o temor de que novos atos subversivos viessem a ocorrer.

A ideia de uma conspiração comunista, que desde de 1917 povoava o discurso da imprensa católica, ganha argumentos contundentes amparados nos episódios de novembro de 1935. Matérias jornalísticas sobre a Intentona entram na pauta como tema de primeira ordem, de forma a corroborar com a necessidade de reafirmação dos valores católicos em curso desde a romanização católica e personificada, sobretudo nas matérias sobre as medidas de disciplinamento da família.

Nesse sentido, percebe-se que o discurso anticomunista presente no jornal A Ordem procurou forjar valores, atribuir sentidos, identidades, definir comportamentos, inculcar posturas como forma de legitimar os valores católicos. Como elemento constitutivo surge

nesse contexto um imaginário anticomunista produzido pela propaganda católica que se valendo de estereótipos e termos pejorativos como forma de corroborar com o receio já depositado no imaginário popular desde 1917 e contrapondo-se de forma maniqueísta, as bandeiras alçadas por comunistas. Esse jogo de contrários (bem\mal, divino\diabólico) são impressos em negrito nas páginas do jornal católico e se constitui em estratégia de combate católica na década de 1930.

2. Por amor à ordem

O Brasil nasceu cristão e Cristão será repugnando ao seu povo a mentira comunista⁵. Com essa afirmativa D. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, bispo de Natal em 1935, expressou com veemência o posicionamento da Igreja Católica diante da ameaça vermelha. As palavras do bispo demonstram “a intenção de tornar claras as contraposições entre a Igreja e os comunistas, de modo a coloca-los em campos radicalmente antagônicos e de reforçar a identidade de uns e de outros”.⁶ Esse “discurso da alteridade”⁷, em que se produz a imagem do outro a partir de si e como reverso, figurou como um dos principais elementos constitutivos do imaginário produzido em torno da figura dos comunista e foi grifado em negrito nas letras impressas do periódico católico. Dito de outro modo, esse processo de semantização negativo, que perpassa as operações sintáticas de produção do outro, em que se projeta nele a imagem do mal e em que se recorre a um jogo de antíteses como forma de enuncia-lo, engendram as representações relativas à identidade, às ações e aos projetos comunistas, ao mesmo tempo em que as contrapõe a identidade que os católicos constituíram de si. Isso é “expresso em termos de valores ético-morais: lícito e ilícito, bem e mal, amor e ódio, certo e errado, natural e antinatural, humano e desumano, divino e diabólico”.⁸

O anticomunismo católico, contudo, ia além da elaboração de argumentos, sendo inspirador, também, de uma série de práticas. Nesse sentido, Chartier (1990) afirma que as representações “organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apropriação do real, mas ao mesmo tempo, “produzem estratégias e práticas”. Ao mesmo tempo o imaginário – entendido como uma representação global ou conjunto

⁵ A ORDEM, 26 de julho de 1935.

⁶ RODEGHERO, *op. cit.* p. 27-28.

⁷ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

⁸ RODEGHERO, *op. cit.* p. 27.

orgânico de representações – também assume esta dupla função: interfere nas práticas dos indivíduos ou instituições ao mesmo tempo em que forja sentidos e propõe estereótipos e paradigmas que são apresentados como verdade, definindo-se alguns papéis como naturais e desqualificando-se outros considerados como inconcebíveis.⁹ Como assinala Baczko (1985) o imaginário social se apresenta como dispositivo simbólico, através do qual em certo movimento de massa procura dar-se a própria identidade e coerência, permitindo reconhecer e designar as suas recusas, bem como as suas expectativas, percebendo na chamada imaginação social e coletiva, a intervenção das representações e dos símbolos nas práticas coletivas. Assim, o complexo jogo dialético que deu forma ao imaginário anticomunista tecido pela Igreja, encontrou nesse dispositivo uma poderosa força de instauração e legitimação social, na medida em que o “imaginário ajuda os indivíduos e os grupos a interpretar e a compreenderem a realidade e ao mesmo tempo apresenta-se-lhes como força instigadora de ações e de práticas”¹⁰. Como sintetiza Baczko,

O imaginário social é, desse modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também, da forma mais ou menos precisa, os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva, em especial, do exercício da autoridade e do poder.¹¹

Nesse sentido, as representações que compõe o imaginário anticomunista engendrado pela Igreja católica no estado ganham forma prática no uso da imprensa como principal instrumento de combate ao inimigo vermelho. Ao mesmo tempo, é preciso levar em consideração que a utilização intensa de elementos simbólicos, formulando as significações conotativas em torno do inimigo, assumiu facetas diversas e ao mesmo tempo específicas, circunscritas de acordo com os interesses e as estratégias assumidas pela Santa Sé e pelo episcopado potiguar no combate ao que se denominou de “tempos despudorados”. Ao longo do recorte estabelecido para análise, encontramos a produção diversificada de discursos em

⁹ SWAIN, Tania Navarro. **Você disse imaginário?** In: - (Org.). *História no plural*. Brasília: Unb, 1994, p. 48-51 *apud* RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: UPF, 2003, p.128.

¹⁰ RODEGHERO, *op. cit*, p.30

¹¹ BACZKO, Bronislaw. **Imaginário Social**. In: *Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem)*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985. V.5. p.310.

torno da ameaça comunista, que são moldados conforme as mobilizações em torno do temor ao inimigo anti-cristão. Desse modo, iniciaremos nossa incursão pelos meandros do imaginário anticomunista, tentando captar os traços que o dão forma, focalizando as imagens que o ilustram, os temas que o traduzem, percebendo a lógica própria que perpassa a sua confecção. Os elementos confluem na tentativa de depreciar o inimigo, atribuindo-lhe uma série de denominações negativas. A maioria das representações envolve temas que denotam características maléficas atribuídas aos comunistas, que eram responsabilizados pela ocorrência de uma gama variada de males.

A experiência Russa foi um dos primeiros temas mobilizadores do temor católico. De acordo com Silva (2001), de todas as características das campanhas anticomunistas uma se sobrepunha por ser o elemento central na argumentação de que o comunismo é uma ilusão. Trata-se da relevância dada à experiência soviética, tomada como a insofismável prova dos horrores que seriam implantados pelo comunismo em qualquer lugar que este existisse. Nesse sentido, a figuração do inimigo através da descrição do modo de vida nos países comunistas, sobretudo na Rússia, passou a ser um dos principais elementos da propaganda anticomunista presentes no jornal A Ordem. Assiste-se a uma verdadeira campanha de formação de uma imagem degradante sobre a URSS que procurava expor fatos e dados sobre a pátria de Lenin e sobre o Estado dirigido por Stalin. No processo de seleção de notícias ganhavam espaço aquelas que pudessem deturpar a revolução, seus líderes e o regime por eles estabelecido.

A campanha anti-soviética impressa no periódico se propunha a desvendar as chamadas “mentiras sobre comunismo”, sobretudo, a respeito da situação do proletariado soviético. A missão da imprensa católica seria fazer cair as supostas máscaras do regime moscovita, demonstrando, através da descrição das mazelas soviéticas, a tese de que a igualdade econômica propugnada pela propaganda comunista seria uma grande farsa. Segundo Motta (2002), “boa parte do apelo das propostas comunistas advinha da imagem da URSS como Estado proletário, onde as desigualdades e exploração teriam sido erradicadas.”¹² Nesse sentido, o periódico procura destruir o mito do “paraíso” socialista concentrando-se no objetivo de “esvaziar o argumento dos comunistas, os quais afirmavam que a utopia igualitária não só era viável, como já estava em prática na terra dos soviéticos”¹³. Sob essa perspectiva, proliferou-se pelo jornal uma infinidade de matérias que se debruçavam sobre o

¹² MOTTA, *op. cit.* p.69.

¹³ *Ibid.*, p.70

chamado “inferno russo”. Procura-se demonstrar que diferente do que se convencionou caracterizar como “paraíso”, o regime teria trazido dias difíceis aos russos.

Em matéria publicada em 14 de julho de 1935, intitulada *No paraizo Russo* o periódico procura demonstrar que a propaganda anticomunista que engrandece tudo que é feito na Rússia, na verdade, esconde o quadro de falhas ali encontrado: “Os nossos impagáveis communistas têm a mania de engrandecer tudo que se faz na Rússia. Para eles a felicidade ali é completa e a perfeição absoluta. O peor é que as vezes os próprios chefes comunistas russos se encarregam de estragar a propaganda desvelada.” Como argumento para tal afirmação destaca-se o último relatório do novo comissário de transportes (Sr. Kaganovith) em que se expõe a situação, que o jornal classifica como desastrosa, das estradas de ferro na URSS. A declaração do comissário que descreve o estado dos transportes na Rússia como “um fracasso militar, do qual convém aproveitar os ensinamentos”¹⁴, bem como o destaque dado ao número de vítimas da estrada de ferro demonstram os primeiros esforços no sentido de desmistificar a ideia de paraíso russo.

A violência foi outro tema com presença forte no conjunto de representações atinentes ao “inferno vermelho”. A Rússia era, para campanha anticomunista, um país com sede de sangue. A imagem do comunismo era, assim, a de um regime consumidor de milhões de vidas humanas:

Os planos diabólicos de inutilizar serviços públicos, e ocasionar a morte a pessoas, em bloco ou isoladas, é uma demonstração dos processos utilizados pelos communistas.

Tendo o ódio por princípio e não reconhecendo a justiça de Deus, cuja existência combate, o comunismo é friamente criminoso, comprazendo-se em assistir a agonia de suas vítimas. Só está bem quando o sangue lhe ensopa as garras terrível abutre.

O massacre é o seu mandamento, o atentado contra vida e a propriedade o seu credo. A história do regime bolchevista se resume na destruição em massa de operários, camponeses, intelectuais, de gente de toda casta.¹⁵

Tem-se aí também outro importante recurso de figuração do inimigo constante nas matérias do periódico, ao qual Motta (2002) denomina de zoomorfização, que consistia na comparação entre as ações e os valores supostamente comunistas e as características de determinados animais, compondo um verdadeiro bestiário. A figura do abutre, símbolo do

¹⁴ *No paraizo Russo* In: A Ordem, 14 de julho de 1935.

¹⁵ *Communismo é aquillo?* In: A Ordem, 09 de outubro de 1935.

oportunismo, é associada a do comunista como forma de relacionar as características normalmente atribuídas a este animal (se alimentar de carne decomposta, ser traiçoeiros, atacarem seres enfraquecidos, sem capacidade de defesa) as práticas comunistas. Acusava-se, pois, das mesmas coisas, os comunistas, que tirariam proveito dos momentos de fragilidade dos organismos sociais e os atacaria de forma covarde.

O tema da “infância comunista” também foi explorado com bastante intensidade. As crianças seriam as maiores vítimas da degradação moral e teriam um destino terrível sob o domínio dos bolcheviques. Afirmava-se que as crianças e jovens eram arrancadas do convívio familiar, para serem adestradas e controladas pelo Estado soviético. Cenas terríveis eram relatadas, como histórias dando conta da existência de milhões de menores abandonados vagando pela URSS, marginais que os comunistas deixavam largados à própria sorte. Reféns dos novos padrões morais, para quem nada seria proibido nem existiriam regras:

No decantado paraíso do operário, onde a massa proletária vive em grande miséria material e moral, ganhando salário mensais inferiores a cem rublos (menos de cinquenta mil reis, em nossa moeda) e os dominadores são mais ricos de que os nobres dos tempos dos czares, a educação é ministrada pelo Estado. Os filhos são propriedades do governo. Os professores devem fazer desaparecer da alma da criança qualquer sentimento de religião e de amor aos progenitores. Os hinos que os escolares cantam encerram a doutrina comunista: ‘o partido comunista é o nosso pai; a seção feminista dos soviets é a nossa mãe’.

Sobe aos milhares o número de crianças abandonadas que açoitadas pela fome, vivem nos antros de perdição, donde saem para o roubo e para os crimes de toda espécie. [...] de sete a oito milhões de crianças abandonadas, apenas oitenta mil eram recolhidas aos asylos. E o restante? Forma o bando sinistro dos miseráveis e dos salteadores. [...] que se há de esperar desses infelizes, aos quaes se ensina que Deus não existe, desaparecendo, assim, o premio aos bons e o castigo aos maus; que os pais devem ser desprezados e até denunciados, se ainda estão dominados pelo espírito de outrora; que a propriedade é um roubo.¹⁶

Concluindo, em tom enfático, a matéria desfere o golpe final: “E ainda há quem pense em transplantar para o Brasil o regimen comunista”! A afirmação categórica reforça a necessidade premente “da congregação de todos os elementos contrários aos processos

¹⁶ *Juventude Sacrificada* In: A Ordem, 26 de julho de 1935.

bárbaros de atividade política e social que o comunismo russo aplica, a fim de afastar o Brasil da catastrophe que seria a adoção desses processos no meio do nosso povo.”¹⁷

O “inferno comunista” teria mais um componente importante, a situação política e social. Na mesma edição, em artigo de Jonathas Serrano, membro da Ação Católica no Rio de Janeiro, o sistema soviético é caracterizado como a ilustração dos desvios morais na ordem social e política:

No terreno social, político e econômico, a falta de princípios sólidos, ethicos, metaphysicos e – por que não dizer o termo exacto? – genuinamente cristãos, conduz à anarchia, ao desespero ou à louca experiência de sistemas completamente em desacordo com a realidade psychologica. E a Rússia e o México ilustram de modo excepcionalmente demonstrativo o que são taes desvios na ordem social e política.¹⁸

A matéria traz um dos principais elementos do leque de representações que compõe o imaginário anticomunista. Nele os anticomunistas são apontados como adversários irreconciliáveis da moralidade cristã tradicional. Sob esse prisma, Serrano imputa ao comunista o caráter imoral ou amoral e até mesmo insano. Partindo do pressuposto de que as ações e planos dos comunistas entravam em choque com a moral e com a sanidade, as quais os revolucionários pretendiam extirpar, algumas matérias mais extremadas consideram o comunismo como um retorno a barbárie, pois iria de encontro aos valores fundamentais da civilização. O comunismo significaria um desafio à sobrevivência da própria sociedade civilizada, ameaçada em seus fundamentos por esses “novos bárbaros”. Caberia aos “catholicos e patriotas, christão e brasileiros, de atalaia e lucta aberta e decidida contra os bárbaros modernos que ameaçam a civilização”, lutarem contra “os renegados que visam destruir o patrimônio moral de nossa gente!”¹⁹

A moldura do quadro das representações anti-soviéticas é também revestido pelo verniz da patologia. Associa-se o comunismo a doenças e termos correlatos como pestes, pragas, bacilos, veneno, vírus, câncer, etc. A ação dos comunistas era apresentada como similar ao trabalho dos agentes infecciosos nos organismos vivos. Aqueles que seguiam as doutrinas comunistas estariam acometidos de uma doença e tal enfermidade os levava a

¹⁷ *Ameaça Vermelha* In: A Ordem, 20 de agosto de 1935.

¹⁸ *A Ordem* In: A Ordem, 14 de julho de 1935.

¹⁹ *Ameaça vermelha*. In: A Ordem, 20 de agosto de 1935.

partilhar dessas ideias revolucionárias:

Quão horrível seja essa doença, quão triste seja a condição das suas victimas, quanta paciência exija para poder suportar as suas consequências físicas e morais, não é preciso dizer. Só a graça de Deus poderá aliviar os sofrimentos dos que por causa dessa doença, se acham sequestrados da sociedade, e muitas vezes abandonados por todos.

Oremos para que possam recuperar a saúde; mas enquanto isso não conseguem, oremos por eles, para que animados pela fé, esperança e caridade, possam suportar pacientemente todos os incommodos das doenças, ao mesmo tempo que almas generosas, movidas pelo amor de Deus, se dediquem a esse apostolado entre os leprosos e cegos.²⁰

Tal como uma doença, os comunistas foram denunciados como um grupo dedicado a infiltrar-se nos organismos sociais, debilitando-os internamente. Nesse sentido, a representação do comunismo enquanto enfermidade remete ao tema correlato da infiltração. Tidos como inimigos externos da nação, os revolucionários se infiltrariam na organização brasileira tal como agentes patológicos, colocando em risco a integridade da nação. “Por trás das generosas promessas de redenção da humanidade estaria escondido um objetivo oculto de conquista do Brasil e do mundo. Em matéria intitulada, *Como a III Internacional quer tomar conta do Brasil*, o periódico chama atenção para a ameaça de “bolchevização” do país. A matéria destaca documento datado de 23 de abril do mesmo ano, em se descrevia um suposto plano de uma revolução vermelha brasileira. Sob essa ótica, as ações desenvolvidas pelos comunistas fariam parte de um plano do imperialismo soviético, cujos agentes desenvolviam seu trabalho de articulação. “Na ancia de preparar a revolução mundial, o comunismo se infiltra por toda parte”²¹. O inimigo é, pois, o comunista a serviço de uma ideologia “de fora”, o credo russo é o invasor que rouba com violência e tudo destrói e Moscou é o centro irradiador do perigo instrumentalizado pela terceira internacional comunista.

Delineava-se, assim, um verdadeiro inferno pintado em cores fortes pela propaganda anticomunista. O temor do “outro” tomava uma forma imagética, cujos traços são marcados pelo confronto encarniçado entre catolicismo e comunismo, para forjar uma interpretação dramática dos tempos vividos e alertar contra as investidas comunistas. Metáforas de forte

²⁰ *Intenção Missionária* – Os leprosos In: A Ordem, 20 de agosto de 1935.

²¹ *Ameaça vermelha*. op. cit.

apelo dramático, crivadas por múltiplas representações negativas em torno do regime implantado pelos soviets tiveram presença obrigatória no periódico, principalmente quando foco era o terror vermelho que rondava a seara do senhor. Ao assumir tal postura de negação da realidade soviética, buscou-se, concomitantemente, construir imagens que corroborassem com a visão negativa envolvida na proposta revolucionária. Assim foram se constituindo os elementos do imaginário anticomunistas que fazem parte do arsenal de combate à ameaça vermelha, usados para persuadir a sociedade quanto ao perigo de se seguir suas doutrinas. Essas imagens se sucedem não de forma isolada, ao contrário, se ajustam dentro de uma mesma percepção: o combate a doutrina anti-cristã. Desse modo, como assinala Mariani, as denominações, enquanto um modo de construção discursiva “tem como característica a capacidade de condensar em um substantivo, ou em um conjunto parafrástico de sintagmas nominais e expressões, ‘os pontos de estabilização de processos’ resultantes das relações de força entre formações discursivas em concorrência num mesmo campo”. Assim, materializando o cruzamento entre representações e práticas da propaganda anticomunista, as denominações:

significam, e do ponto de vista de uma análise podemos dizer que elas ‘iluminam’ a natureza das relações de forças existentes numa formação social, ou, em outras palavras, tornam visíveis as disputas, as imposições, os silenciamentos etc., existentes entre a formação discursiva dominante e as demais²²

Desse modo, percebe-se que o discurso anticomunista presente no periódico católico potiguar, em consonância com os ditames da imprensa católica nacional, procurou forjar valores, atribuir sentidos, identidades, definir comportamentos, inculcar posturas como forma de legitimar os valores católicos. Como elemento constitutivo surge nesse contexto um imaginário anticomunista produzido pela propaganda católica que se valendo de estereótipos e termos pejorativos como forma de corroborar com o receio já depositado no imaginário popular desde 1917 e contrapondo-se de forma maniqueísta, as bandeiras alçadas por comunistas. Esse jogo de contrários (bem\mal, divino\diabólico) são impressos em negrito nas páginas do jornal e confluem para a confecção de uma verdadeira campanha de caça as bruxas que vai ganhar forma, sobretudo, a partir dos acontecimentos de novembro de 1935.

²² MARIANI, Bethania. O PCB e a Imprensa: Os Comunistas no Imaginário dos Jornais (1922-1989). 1.ed. Rio de Janeiro, Revan, São Paulo, Unicamp, 1998. p.43.

3. Considerações finais

Por mais revelador que pareça ser o termo anticomunismo em que a partícula “anti” expressa a negação da doutrina que a segue, a designação de semântica aparentemente clara é capaz de revelar em suas entrelinhas um conjunto complexo de interpretações e apreensões, reveladas nas diversas correntes e projetos que sustentaram a bandeira anticomunista ao longo da história política brasileira. É percebendo essa heterogeneidade e polissemia que o termo assume quando problematizado, que o presente artigo vislumbrou o anticomunismo católico, como forjador de um imaginário próprio, capaz de revelar e abarcar muito mais que representações dedicadas a imagem dos comunistas e do próprio comunismo. Desse modo, falar de anticomunismo em sua vertente católica foi antes de tudo perceber a complexidade envolvida na negação de um inimigo que a muito perturbara a hierarquia eclesiástica, e que diante das novas configurações por que passava a sociedade, e em larga medida, após os acontecimentos de novembro de 1935, fez necessárias estratégias de combate cada vez mais contundentes e, a de debater, abrindo espaço para que estratégias de evangelização, principalmente as relacionadas ao disciplinamento e ordenamento social, figurassem no discurso católico, expresso por meio da imprensa, como foi o caso do jornal A Ordem.

Como vimos, o anticomunismo católico no Rio Grande do Norte, contudo, ia além da elaboração de argumentos, sendo inspirador também de práticas. Uma delas foi o uso da imprensa católica como instrumento de combate ao inimigo vermelho, que se dava pelo incentivo e, às vezes, pela imposição e cobrança no sentido de que os fiéis prestigiassem a boa imprensa e combatessem a má, representada por todo e qualquer veículo de comunicação que não seguisse os ditames católicos. Ao mesmo tempo, o discurso jornalístico potiguar, encabeçado pelo A Ordem, foi porta-voz do discurso anticomunista irradiado pelos papas, bispos, líderes do laicato, intelectuais leigos (sobretudo os ligados ao Centro D. Vital), que subsidiaram, em grande medida, as propostas de evangelização e disciplinamento da sociedade potiguar. Sob os auspícios desse forte repúdio ao comunismo, identifica-se o afastamento de Deus, como principal “mal” da sociedade, propondo-se a doutrinação como “remédio” aos males advindos da decadência dos costumes. Dessa forma, os males que afligem a sociedade originam-se no indiferentismo, no afastamento de Deus e no esquecimento dos valores católicos, e apenas podem ser vencidos se o catolicismo fizer a pátria voltar para Deus.

Referências Bibliográficas

AZZI, Riolando. História da Igreja no Brasil – Terceira Época 1930-1964. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAZCKO, Bronnislaw. **Imaginação Social**. In Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1985 a. v. 5.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 30, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (org) **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III, 4 vols. São Paulo: Difel, 1984, p. 273-241.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Homero Oliveira. **A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro Ato da Tragédia**. São Paulo: Ensaio; Rio Grande do Norte: cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, 1995.

GONÇALVES, Marcos. Missionários da “boa imprensa”: a revista Ave Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. **Revista Brasileira de História** – órgão oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 28, nº. 55, jan/jun, 2008. p.65.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa: Os Comunistas no Imaginário dos Jornais (1922-1989)**. 1.ed. Rio de Janeiro, Revan, São Paulo, Unicamp, 1998.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: perspectiva, 2002.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo: UPF, 2003.

SWAIN, Tania Navarro. **Você disse imaginário?** In: - (Org.). História no plural. Brasília: Unb, 1994